

AS BALADAS EM JARGÃO DE FRANÇOIS VILLON: UMA HISTÓRIA DE TRADUÇÕES

Daniel Padilha Pacheco da Costa (UFU)
dppcosta@hotmail.com

RESUMO

Esta pesquisa propõe uma análise histórica das traduções em francês moderno das *Baladas em Jargão* de François Villon. Realizadas no final do séc. XIX, as primeiras traduções desse *corpus* heterogêneo por especialistas do *argot* basearam-se numa interpretação biográfica do conteúdo das baladas. Assim, elas são o resultado de uma tradução semiântica que pretende decodificar a mensagem secreta escrita por um célebre malfeitor do séc. XV no jargão da quadrilha dos *Coquillards*. Essas baladas seriam uma exortação à fuga, destinada aos seus companheiros então perseguidos pela justiça real. Essa abordagem biográfica também prevaleceu nas suas recentes retraduições que, destinadas a um público não especializado, estão preocupadas principalmente com a reprodução da oralidade do *argot*. Foi somente no final dos anos 1960 que a atribuição tradicional desse *corpus* a Villon foi colocada em questão. Pierre Guiraud foi o primeiro tradutor dessas baladas a centrar o seu trabalho especificamente na construção poética das composições, mais do que em seu contexto de composição. Ele efetuou uma rigorosa exegese dos *calembours* do texto, propondo três níveis de significação dissimulados por procedimentos retóricos complexos e decifrados pelas três traduções que ele propõe de cada balada. Com base numa completa reinterpretção do conceito de “autobiografia”, entendida como “ficção sobre” e não como “expressão sincera da” vida do malfeitor, sua abordagem contribuiu para solapar a interpretação biográfica até então predominante em todos os estudos sobre François Villon.

Palavras chave: François Villon. *Baladas em jargão*. Tradução Poética.

1. Introdução

As *Baladas em Jargão* de François Villon permanecem sendo a única parte da sua obra sem nenhuma tradução nem comentário na língua, apesar de o célebre poeta francês da segunda metade do séc. XV ter sido muito traduzido recentemente em português. A inovação dessas baladas reside em sua exploração poética do “jargão” falado por uma quadrilha de malfeitores da época chamada de os *Coquillards*. Pela obscuridade do jargão, essas baladas são tanto mais intraduzíveis quanto a sua tradução é imprescindível – e isso até mesmo para francófonos. Aliás, até mesmo o resto da obra de François Villon, composta em “francês médio”, tem recebido nas últimas décadas diversas traduções em francês moderno, destinadas a um público não especializado.

Algumas dessas traduções incluem as *Baladas em Jargão*, outras não. Além das traduções incluídas em edições das *Obras Completas de François Villon*, também foram realizadas, desde o final do séc. XIX, traduções exclusivas das *Baladas em Jargão*. Assim, há uma significativa quantidade de traduções dessas baladas em língua francesa, que chegam a uma dezena. Neste artigo, pretende-se compreender a recepção dessas baladas na modernidade a partir da história das suas traduções desde o final do séc. XIX até a primeira quinzena do séc. XXI, quando elas foram traduzidas pela medievista Jacqueline Cerquiglini-Toulet para a sua edição das *Oeuvres Complètes de François Villon* na prestigiada coleção da Gallimard Pléiade. (VILLON, 2014)

2. As seis baladas em jargão da edição de Pierre Levet

Desde a primeira edição do corpo poético atribuído a François Villon por Pierre Levet, intitulada *Le Grant Testament Villon et le Petit, Son Codicile, le Jargon et Ses Balades* (1489), foram publicadas seis baladas compostas no jargão

obsuro da segunda metade do séc. XV. Publicadas num anexo, essas seis baladas formam, juntamente com algumas baladas esparsas compostas no francês da época e dois poemas longos em forma de testamento, aquilo que os editores modernos chamaram de *As Obras Completas de François Villon*. As *Baladas em Jargão* foram impressas com esse mesmo *corpus* aproximadamente vinte vezes entre o fim do séc. XV e a primeira metade do séc. XVI. (DOP-MILLER, 1991, p. 217)

As seis *Baladas em Jargão* da edição de Pierre Levet constituem a parte da sua obra mais prejudicada, pois essas baladas foram “corrigidas” a cada nova edição. Alguns editores pretenderam “rejuvenescer” o jargão e colocá-lo no gosto da época, substituindo formas raras e desconhecidas (GUIRAUD, 1968, p. 23). As suas edições também reúnem uma ortografia e sintaxe incoerentes, além de uma versificação e prosódia extremamente irregulares (ZIWÈS & BERCY, 1954, p. 156). Com base em sua interpretação dessas baladas e dos termos do jargão, cada editor estabeleceu as suas próprias “variantes”. Nesse sentido, o texto das seis baladas da edição de Pierre Levet foi o resultado do trabalho coletivo de seus diversos editores desde o fim do séc. XV até hoje.

Há quatro manuscritos principais desse corpo poético. No final do séc. XIX foi descoberto no manuscrito de Estocolmo que constitui um dos quatro principais manuscritos contendo obras do poeta, outras cinco *Baladas em Jargão*. Esse manuscrito é datado de 1477 e, portanto, anterior à edição de Pierre Levet (VILLON, 2014, p. 819). Essas cinco baladas foram editadas pela primeira vez no final do séc. XIX em *Le Jargon du XVème Siècle, Étude Philologique: onze ballades en jargon attribués à François Villon, dont cinq ballades inédites* (1883), de Auguste Vitu. Enquanto há diversas edições das seis baladas da edição de Pierre Levet, há uma única versão das cinco baladas no manuscrito de Estocolmo. Mas esse manuscrito é apógrafo, não havendo nenhum manuscrito autó-

grafo (escrito do punho do próprio autor) dessas cinco baladas compostas em jargão.

O linguista Pierre Guiraud se baseou no critério editorial segundo o qual, na falta de um manuscrito autógrafo, a edição mais antiga deve ser considerada como a mais “autorizada” (GUIRAUD, 1968, p. 307). Elegendo como autênticas apenas as seis baladas da edição de Pierre Levet, ele lançou sobre as baladas do manuscrito de Estocolmo fortes suspeitas de inautenticidade. O filólogo Lazare Sainéan também as considerou como “imitações no estilo de Molinet” (SAINÉAN, 1912, p. 117). Mas outros editores e tradutores de François Villon as consideraram autênticas, como a medievista Jacqueline Cerquiglini-Toulet (VILLON, 2014, p. 821). A querela persiste e as seis baladas da edição de Pierre Levet continuam sendo as únicas consideradas consensualmente como autênticas por todos os seus editores e tradutores.

3. A importância histórica do corpus

As *Baladas em Jargão* receberam uma atenção particular por parte dos especialistas do *argot*. As onze baladas foram incluídas por Lazare Sainéan no seu célebre estudo sobre o *argot* antigo publicado há pouco mais de um século: *Les Sources de l'Argot Ancien* (1912). O filólogo as insere na primeira parte desse estudo, intitulada “*documents jargonnesques*” (SAINÉAN, 1912, p. 88). Essa parte também é composta pelo *Procès des Coquillards*, que constitui as atas do processo de acusação realizado em 1455 na cidade de Dijon contra a célebre quadrilha de malfeitores dos Coquillards. Como atesta a lista de termos do jargão presente no *Procès*, as *Baladas em Jargão* de fato se apropriam de palavras utilizadas por aquela quadrilha. Por isso, Lazare Sainéan concluiu que elas tivessem sido compostas no jargão dos Coquillards. (SAINÉAN, 1912, p. 120)

Considerando o célebre malfeitor da época François Villon como o autor empírico daquelas baladas, os especialistas do *argot* supuseram que ele tivesse integrado aquela quadrilha (GUIRAUD, 1968, p. 9). Mais interessado pela língua falada pelos Coquillards do que pela sua exploração poética por François Villon, Lazare Sainéan realiza um estudo daquela língua por meio das *Baladas em Jargão*. Assim, elas ofereciam o jargão da quadrilha em “primeira mão” por um de seus integrantes. Como foram as primeiras composições a empregarem o suposto jargão dos Coquillards, elas foram consideradas como a “origem” (*source*) da utilização literária do *argot*.

Na segunda parte do seu estudo, intitulada “*documents littéraires*” (SAINÉAN, 1912, p. 266), Lazare Sainéan insere as imitações do jargão por diversas composições dramáticas a partir do final do séc. XV, em particular em peças dramáticas do teatro religioso da época chamadas de “Mistérios” (*Mistères*). Depois disso, o jargão foi usado por François Rabelais e seus imitadores no séc. XVI, até sofrer uma “reforma” no séc. XVII, quando passou a ser chamado de *argot*. Dessa perspectiva, aquelas baladas inaugurariam o emprego literário do *argot*, que pode ser encontrado ao longo de toda a história da literatura francesa até hoje. Um dos principais exemplos contemporâneos da exploração literária do *argot* é a obra romanesca do escritor Louis-Ferdinand Céline (1894-1961).

No *Procès des Coquillards*, há uma longa lista de nomes próprios de diversos integrantes da quadrilha que tinham sido presos, torturados e enforcados pelo poder real (in SAINÉAN, 1912, p. 98). Assim, as *Baladas em Jargão* foram interpretadas à luz da perseguição então em curso contra os Coquillards. Essas baladas exortariam em linguagem secreta os seus comparsas a abandonarem as atividades criminosas antes de serem presos pela justiça real. Graças à sua importância nas biografias escritas sobre o autor, as *Baladas em Jargão* desempenharam um papel central na construção moderna de

François Villon como um precursor dos poetas malditos na França. (COSTA, 2014, p. 72)

Essas baladas receberam durante o séc. XX uma atenção especial por parte da crítica de François Villon, dos filólogos do *argot* e dos historiadores da literatura francesa. Elas foram estudadas de uma perspectiva filológica, como um importante registro linguístico do jargão falado pelos Coquillards; de uma perspectiva histórica, como a inauguração do emprego literário do *argot*; e, de uma perspectiva crítica, como a chave da leitura biográfica da sua obra. Nesse sentido, as *Baladas em Jargão* seriam a fonte originária da história literária do *argot* na França, introduziriam uma linguagem pioneira na poesia francesa medieval e permitiriam compreender uma parte central da crítica moderna sobre François Villon.

4. As traduções em francês moderno

Há dez traduções dessas baladas em francês: três estão incluídas em traduções das *Obras Completas de François Villon* e sete são traduções exclusivas dessas baladas. As primeiras traduções apareceram ainda no séc. XIX: primeiramente, a tradução de Lucien Schöne (1888) e, logo em seguida, as de Auguste Vitu (1889) e de Pierre d'Alheim (1892). A partir de meados do séc. XX foram feitas mais duas traduções por Armand Ziwès e Anne de Bercy (1954) e Pierre Guiraud (1968). Essas cinco traduções foram realizadas por filólogos e linguistas do *argot*, oferecendo longos comentários sobre os termos do jargão. Pierre d'Alheim, Armand Ziwès e Pierre Guiraud traduziram as seis baladas da edição de Pierre Levet, Lucien Schöne também incluiu a balada com acróstico do manuscrito de Estocolmo e Auguste Vitu ocupou-se do conjunto das onze *Baladas em Jargão*.

As mais recentes traduções exclusivas dessas baladas foram realizadas por André Lanly (1971) e Ionela Manolesco

(1980). Essa última inclui apenas quatro baladas, mas a tradução de André Lanly inclui as onze. Ionela Manolesco retoma os comentários especializados por meio de uma introdução, notas e um glossário dos termos do jargão. Quanto às três traduções das *Obras Completas de François Villon*, aquelas realizadas por Jean-Claude Mühlethaler (2004) e por Jacqueline Cerquiglino-Toulet (2014) incluem as onze *Baladas em Jargão*, enquanto que a tradução de Jean Dufournet (1992) inclui apenas seis. Elas são acompanhadas por uma introdução geral feita pelos tradutores, eles mesmos especialistas de François Villon. No caso da edição Mühlethaler, aquelas baladas foram deixadas ao cuidado de Érick Hicks, que também lhes dedica uma introdução e notas. Nessas edições, as *Baladas em Jargão* ocupam a posição de anexo à obra, como acontece desde a edição de Pierre Levet.

As traduções das *Obras Completas de François Villon* em francês moderno não são preferencialmente destinadas ao público especializado, mas a um público mais amplo interessado pela obra do poeta. Pela antiguidade do francês da época, elas visam oferecer um apoio para a leitura do texto original. Mas as *Baladas em Jargão* sequer podem ser compreendidas por leitores habituados ao francês médio, por causa da obscuridade do jargão. Por isso, as suas primeiras traduções foram todas realizadas por especialistas do *argot*, linguistas e filólogos. A partir dessas cinco traduções especializadas das *Baladas em Jargão*, os medievistas e críticos de François Villon realizaram as suas traduções em francês moderno.

As traduções especializadas são um prolongamento do comentário filológico dos termos do jargão, constituindo paráfrases do texto original destinadas a explicitar a articulação global do sentido. Portanto, essas traduções visam ilustrar o comentário, preocupando-se primeiramente com as relações sintáticas do texto original. Nas três últimas traduções das *Baladas em Jargão* por medievistas e críticos de François Villon,

a tradução é ela mesma o foco, embora elas sejam acompanhadas por notas explicativas, sempre que a tradução não é suficiente para explicitar o sentido original. No caso de André Lanly, Érick Hicks e Jacqueline Cerquiglini-Toulet, as suas traduções também são precedidas por introduções às baladas para o público não especializado.

Assim, as cinco traduções recentes das *Baladas em Jargão* podem ser consideradas como retraduições feitas a partir das anteriores. Tanto isso é verdade que elas raramente propõem um sentido diferente para os termos do jargão em relação a aquele estabelecido por alguma tradução especializada. Embora as cinco retraduições também sejam semânticas, como as traduções especializadas, elas são caracterizadas por uma maior preocupação com a fluência na língua de chegada. Assim, elas procuram conferir à tradução um tom coloquial que, além de capturar o sentido do texto original, confere deleite à leitura pelo público não especializado. Portanto, todas as traduções das *Baladas em Jargão* em francês são semânticas, preocupando-se primeiramente em capturar o seu sentido secreto na língua da quadrilha dos Coquillards.

5. “*Extravagâncias filológicas*”

Pierre Guiraud realizou a última tradução especializada das *Baladas em Jargão*. Os seus estudos sobre François Villon foram determinantes para a “guinada linguística” proposta pela *nouvelle critique* que, sob a influência da “*mort de l’auteur*” do final dos anos 60, deslocou o interesse da biografia para a construção ficcional da *persona* de François Villon (COSTA, 2015, p. 77). Mas ele não foi muito bem recebido pela crítica da época, apesar da novidade oferecida pela sua leitura e tradução daquelas obscuras baladas atribuídas a François Villon. Um dos principais representantes da crítica biografista, o filó-

logo italiano Ítalo Siciliano ridicularizou as suas “extravagâncias filológicas”. (SICILIANO, 1973, p. 63)

Pierre Guiraud foi o único crítico a ter problematizado o pressuposto essencial partilhado por todos os seus editores modernos, segundo o qual o autor empírico daquele corpo poético teria sido o célebre malfeitor François Villon (GUIRAUD, 1968, p. 303). Ainda que ele coloque em dúvida a autoria daquele *corpus* por François Villon, Pierre Guiraud não prescinde do conceito de “autobiografia”, pois seja quem for o seu autor empírico, ele se baseou em elementos da vida do célebre malfeitor da época chamado François Villon (GUIRAUD, 1968, p. 31). Portanto, ele diverge apenas do reducionismo do método biografista, ao considerar os poemas não como uma autobiografia “sincera”, mas ficcional.

Para Pierre Guiraud, portanto, a análise biografista deve ser completada pela exegese linguística, já que a vida do célebre malfeitor serve apenas como ponto de partida para a criação da sua “ficção autobiográfica”. A sua interpretação se baseia em sua própria definição histórica do *argot* como uma “*seconde langue*”: parasitária e secreta, essa “língua segunda” seria indissociável da língua popular (GUIRAUD, 1956, p. 17). Mas essa língua era oral e se perdeu. Por isso, Pierre Guiraud procura estabelecer as palavras da língua popular a partir das quais as formas do *jargon* foram derivadas. As palavras do *jargon* seriam derivadas da figuração do significado e/ou da modificação do significante de palavras do registro popular. (GUIRAUD, 1968, p. 20)

Independentemente de quem fosse, o poeta teria utilizado as palavras do *jargon* para criar um nível secreto de significação. Assim, Pierre Guiraud considera as *Baladas em Jargão* como um código fechado que deve ser decifrado pelo crítico literário, segundo a concepção moderna de obra poética (GUIRAUD, 1968, p. 25). Como para os demais tradutores especializados, esse nível constitui um aviso aos companheiros

para que eles interrompam as suas atividades criminosas e fujam da justiça real, antes que sejam capturados e enforcados (GUIRAUD, 1968, p. 31). Mas ele não reduz as baladas a esse nível de significação e, promovendo uma rigorosa exegese dos *calembours* proliferados no texto, descobre uma inusitada rede de significados ocultos nas *Baladas em Jargão*.

O linguista pensa ter encontrado a “chave” no dialeto bourguignon da época, à luz do qual ele descobre uma profusão de alusões eróticas que, junto com as alusões ao jogo de cartas, constituiriam os níveis de significação mais secretos dessas baladas, intituladas: “Os Jogos da Morte, do Jogo e do Amor” (GUIRAUD, 1968, p. 7). Desse ponto de vista, Pierre Guiraud propõe não apenas uma, mas três traduções de cada balada, totalizando dezoito traduções das seis *Baladas em Jargão* da edição de Pierre Levet: seis do primeiro nível secreto, tratando das práticas da quadrilha: “*Les Ballades de la Coquille*”; seis do segundo, relativo ao jogo de cartas: “*Les Ballades des Tireurs de Cartes*”; e seis do terceiro, sobre o “amor pederástico” praticado pelos malfeitores nas prisões: “*Les Ballades de l’Amour Noir*”.

6. Conclusão

Nem todas as traduções das *Baladas em Jargão* em francês apresentam o mesmo *corpus*. Ionela Manolesco traduziu apenas quatro baladas. Pierre d'Alheim, Armand Ziwès, Pierre Guiraud e Jean Dufournet incluíram as seis baladas da edição de Pierre Levet; Lucien Schöne acrescentou a essas seis a balada presente no manuscrito de Estocolmo contendo um acróstico; Auguste Vitu, André Lanly, Éric Hicks e Jacqueline Cerquiglini-Toulet reuniram o conjunto das onze *Baladas em Jargão* transmitidas sob a autoridade de François Villon por manuscritos e edições antigas. Apesar dessa variação na delimitação do *corpus*, é consensual para todos os seus tradutores

que pelo menos as seis baladas da edição Leve presentes em todas as traduções em francês são autênticas.

Assim, o exame da história da transmissão desse *corpus* pelos seus editores e copistas levanta a questão da unidade das *Baladas em Jargão* “de” François Villon. Os seus editores e tradutores pretenderam unificá-las em torno do mesmo autor empírico pressuposto na origem da enunciação, mas nenhum elemento histórico permite confirmar essa hipótese. A variação dos critérios de autenticidade só torna explícita a precariedade da atribuição. A suposta unidade desse *corpus* jamais existiu na origem das composições, pois o seu suposto autor empírico não pode ser conhecido com base nas informações históricas atualmente disponíveis. Portanto, essa unidade é tão somente o resultado do trabalho realizado pelos seus editores, copistas e tradutores desde a sua primeira edição no final do séc. XV até a sua última tradução no início do séc. XXI.

Independentemente da quantidade de níveis ocultos, o conjunto das traduções das *Baladas em Jargão* em francês as apresentou como “enigmas” a serem decifrados com base no conhecimento da suposta língua secreta dos Coquillards. Se esse *corpus* não pode ser unificado em torno do mesmo autor empírico pressuposto na origem da enunciação, o sentido das *Baladas em Jargão* não pode ser reduzido à sua mensagem secreta no *jargon* da quadrilha, seja ela interpretada como uma mensagem enviada pelo célebre malfeitor da época para avisar os companheiros da perseguição em curso pelo Poder Real, seja como a proliferação de jogos de linguagem realizados por um virtuosíssimo poeta bourguignon da época aos seus privilegiados admiradores.

Pierre Guiraud tem razão em chamar a atenção para os *calembours* que, proliferados no texto, deleitavam o público capaz de reconhecê-los. Mas a obsessiva fixação desses *calembours* em uma hierarquia de níveis secretos de significação transformou essas baladas em um intrincado objeto de exegese

filológica. O número de edições das seis *Baladas em Jargão* testemunha, pelo contrário, que elas foram muito apreciadas na época, mesmo que nem todos os termos emprestados ao *jargon* dos Coquillards fossem compreendidos pelo público. Por outro lado, por mais excessiva que seja a tentativa de Pierre Guiraud de separar os *calembours* por estratos temáticos, a sua “três-dução” (*trois-duction*) sem dúvida contribuiu para implodir a unidade do sentido biográfica que havia sido conferido a essas baladas até então.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETTE, Paul. Les ballades en jargon de François Villon ou la poétique de la criminalité. *Romania*, Paris, n. 98, p. 65-79, 1977.

BERMAN, Antoine. *L'âge de la traduction*: “la tâche du traducteur” de Walter Benjamin, un commentaire. Paris: PUV, 2008.

COSTA, Daniel Padilha Pacheco da. François Villon, um poeta maldito *avant la lettre*? A *Balada dos Enforcados* como modelo poético de Rimbaud, Pound e Augusto de Campos. *Revista Estação Literária*, Londrina, n. 12, p. 70-85, 2014.

_____. Autor e personagem: François Villon e a nova crítica na França. *Revista Criação e Crítica*, São Paulo, n. 12, p. 76-87, 2014.

DOP-MILLER, Clément. Clément Marot et l'édition humaniste des Œuvres de François Villon. *Romania*, Paris, n. 112, vol. 1-2, p. 217-242, 1991.

GUIRAUD, Pierre. *Le jargon de Villon ou le gai savoir de la Coquille*. Paris: Gallimard, 1968.

MANOLESCO, Ionela. Quatre Ballades de Villon en jargon traduites en français moderne. *Études Françaises*, vol. 16, n. 1, p. 71-107, 1980.

SAINÉAN, Lazare. *Les sources de l'argot ancien*. Paris: Honoré et Edouard Champion, 1912.

SCHÖNE, Lucien. *Le jargon et jobelin de François Villon, suivi du Théâtre*. Paris: Alphonse Lemerre, 1888.

SCHWOB, Marcel. *Le petit et le grant testament de François Villon, les cinq ballades en jargon et des poésies du cercle de Villon*. Paris: Honoré Champion, 1905.

VILLON, François. *Les oeuvres de François Villon de Paris*. Paris: Clément Marot, 1533.

_____. *Le grant testament Villon et le petit, son codicile, le jargon et ses balades*. Paris: Pierre Levet, 1489.

_____. *Les Ballades en jargon de M. François Villon*. Paris: PFL, 1949.

_____. *Le jargon jobelin de maistre François Villon*. Edição e tradução de Pierre d'Alheim. Paris: Albert Savine, 1892.

_____. *Le petit et le grant testament de François Villon, les cinq ballades en jargon et des poésies du cercle de Villon etc.* Reproduction fac-simile du manuscrit de Stockholm avec une introduction de Marcel Schwob. Paris: Honoré Champion, 1905.

_____. *Jargon of Master François Villon*. Edição de Joseph Herbert Stabler. Boston: Houghton Mifflin Company, 1918.

_____. *Œuvres*. Edition critique de Louis Thuasne avec notices et glossaire. Paris: Auguste Picard, 1923.

_____. *Œuvres complètes*. Edição de Auguste Longnon et Lucien Foulet. Paris: Honoré Champion, 1932.

_____. *Le jargon et jobelin, comprenant cinq ballades inédites avec un dictionnaire analytique du jargon*. Edição de Auguste Vitu. Paris: Paul Ollendorff, 1889.

_____. *Ballades en jargon: y compris celles du ms de Stockholm*. Trad.: André Lanly. Paris: Honoré Champion, 1971.

_____. *Poésies*. Edição de Jean Dufournet. Paris: GF-Flammarion, 1992.

_____. Ballades en jargon. Tradução, apresentação e notas por Éric Hicks. In: _____. *Lais, testament, poésies diverses*. Tradução, apresentação e notas de Jean-Claude Mühlethaler. Paris: Champion, 2004.

_____. *Poesia*. Tradução, organização de notas de Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Edusp, 2000 (1987).

_____. *Testamento*. Trad.: Afonso Felix de Sousa. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987.

_____. *Poemas de François Villon*. Trad.: Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Art, 1986.

_____. *Os testamentos de François Villon e outras baladas mais*. Trad.: Vasco da Graça Moura. Porto: Campo das Letras, 1997.

_____. *The Poems of François Villon*. Tradução, introdução e notas de Galway Kinnell. Hanover: University Press of New England, 1977.

_____. *Œuvres complètes*. Edição e tradução de Jacqueline Cerquiglini-Toulet. Paris: Gallimard, 2014.

VITU, Auguste. *Le jargon du XVème siècle, étude philologique: onze ballades en jargon attribués à François Villon, dont cinq ballades inédites*. Paris: Charpentier, 1883.

ZIWÈS, Armand; BERCY, Anne de. *Le jargon de M. François Villon*. Paris: Marcel Puget, 1954.

ZUMTHOR, Paul. *Essai de poétique médiévale*. Paris: Le Seuil, 1972.